

UCRÂNIA: A GUERRA CONTRA O SISTEMA QUE SUSTENTA AS FORÇAS ARMADAS

Por Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia revela que o poder militar não está nas armas, mas na rede que as sustenta: logística, energia, comunicações e inteligência. A lição é direta: adquirir equipamentos não basta; é preciso garantir disponibilidade, resiliência e autonomia de decisão.

A guerra na Ucrânia continua oferecendo lições que vão além da análise dos movimentos táticos e dos resultados obtidos no *front*. Os recentes ataques contra pontes sobre o rio Dnieper, a pressão russa sobre a infraestrutura civil e energética, e a incerteza quanto ao compartilhamento de inteligência ocidental revelam uma dimensão essencial do conflito: a luta para degradar o sistema que permite a um Estado sustentar suas operações militares.

Em uma guerra prolongada, não basta dispor de aeronaves, mísseis, drones ou veículos de combate. É necessário mantê-los operacionais, abastecê-los, proteger suas comunicações, contar com informações oportunas e garantir que as instalações e as redes logísticas continuem funcionando. A capacidade militar efetiva surge da integração de todos esses componentes. Quando um deles falha, o poder de combate pode diminuir, mesmo que o material principal permaneça intacto.

Um primeiro exemplo aparece na análise de Riccardo Renzi, de 11 de outubro de 2026. Seu artigo, [*“I ponti sul Dnepr, la strettoia che mette a rischio la resistenza dell’Ucraina”*](#) (“As pontes sobre o Dnieper: um gargalo que coloca em risco a resistência da Ucrânia”), examina a vulnerabilidade representada pelas travessias do Dnieper na região metropolitana de Kiev e a possibilidade de que ataques, mesmo sem destruir completamente as estruturas, reduzam a capacidade de trânsito e gerem restrições prolongadas. A questão central não é apenas o dano físico, mas a perda de regularidade no movimento de pessoas, equipamentos e suprimentos.

RELEVÂNCIA MILITAR

A relevância militar dessa situação é evidente. Uma ponte não é apenas uma obra de engenharia: ela integra uma rede de comunicações terrestres da qual dependem o abastecimento, a mobilidade das forças e a continuidade de diversas atividades civis. Quando uma travessia é inutilizada ou sua circulação precisa ser restrita, o tráfego é desviado para rotas alternativas que podem se mostrar insuficientes. Surgem atrasos, congestionamentos e maiores exigências para os meios de transporte. O resultado é uma perda de flexibilidade logística.

É preciso distinguir, contudo, entre o cenário de vulnerabilidade analisado por Renzi e a manifestação de suas consequências em escala nacional. A importância estratégica das pontes é indiscutível, mas o efeito concreto de sua degradação depende dos danos, das alternativas disponíveis e da capacidade de reparo. É precisamente aí que reside uma das lições do conflito: a resiliência de uma rede é tão importante quanto a resistência de cada uma de suas partes.

A segunda dimensão surge de uma entrevista concedida pelo coronel austríaco Markus Reisner e publicada pela *n-tv* em 12 de outubro de 2026, sob o título [*“Für Putin gibt es keine Tabus mehr”*](#) (“Para Putin, não existem mais tabus”). O entrevistado descreve uma campanha russa que, segundo sua avaliação, combina drones de ataque, mísseis balísticos e mísseis de cruzeiro contra alvos militares, energéticos e civis. A pressão sobre subestações elétricas, ferrovias, pontes, postos de abastecimento e outros serviços essenciais visa, em sua interpretação, aumentar o custo da resistência ucraniana e enfraquecer a capacidade da população de suportar a guerra.

Reisner também analisa os ataques contra centros de dados da empresa russa Yandex, que poderiam ter sido utilizados para sustentar atividades automatizadas de propaganda e influência. O próprio entrevistado ressalta que as consequências atribuídas a esses ataques nas redes sociais ainda não estavam comprovadas. Essa cautela é importante: na guerra contemporânea, a dimensão informativa adquire relevância crescente, mas as hipóteses sobre seus efeitos devem ser distinguidas dos resultados efetivamente verificados. É a Névoa da Guerra 2.0.

DEPENDÊNCIA UCRANIANA

O ponto mais significativo da entrevista refere-se à dependência ucraniana da inteligência norte-americana. Reisner sustenta que as informações via satélite e as ferramentas que integram dados de sensores, drones e comunicações contribuem para localizar alvos, planejar ataques e empregar os recursos disponíveis com maior eficiência. A França e o Reino Unido poderiam compensar parcialmente uma eventual interrupção, embora, segundo o analista, não em uma escala equivalente à dos Estados Unidos.

Aqui surge uma questão doutrinária fundamental: a tecnologia, por si só, não gera superioridade militar. Para transformar informações em resultados, é necessária uma cadeia integrada de sensores, comunicações, análise, comando e execução. Uma plataforma de armas pode manter suas capacidades técnicas e, ainda assim, perder eficácia caso a qualidade das informações que recebe diminua, ou se o apoio de que necessita para operar for interrompido.

A terceira dimensão refere-se a algumas declarações feitas pelo presidente ucraniano no dia 12 de outubro. Segundo a mídia, Volodymyr Zelensky denunciou que a Ucrânia não recebeu, por parte de seus parceiros, o habitual aviso prévio antes de um ataque russo com mísseis balísticos contra Kiev. O presidente ucraniano destacou a importância dessas informações para proteger a população.

A declaração de Zelensky foi divulgada em 13 de outubro de 2026, após uma ofensiva noturna que atingiu infraestruturas civis na capital ucraniana (as informações foram fornecidas por veículos como [Swissinfo.ch](#) e [Cadena SER](#)).

O episódio foi associado às ameaças de Washington de restringir o compartilhamento de inteligência e a assistência militar, no contexto de suas pressões diplomáticas sobre Kiev. No entanto, é preciso ressaltar que a ausência de um aviso prévio sobre esse ataque não demonstra, por si só, que os Estados Unidos tenham suspenso formalmente toda a cooperação em inteligência. Em sua declaração, Zelensky não atribuiu publicamente a responsabilidade específica a Washington; além disso, a Ucrânia recebe informações de diversos parceiros.

A diferença não é desprezível. Na análise estratégica, uma denúncia, uma interpretação jornalística e uma decisão política oficialmente confirmada não são categorias equivalentes. O que o episódio evidencia, contudo, é a importância operacional do alerta antecipado. Diante de mísseis balísticos, alguns minutos de antecedência podem ser decisivos para acionar as defesas e permitir que a população busque refúgio.

As informações, portanto, não são um mero complemento à defesa: constituem parte integrante dela. Para ir montando o quebra-cabeças...

UMA MESMA LÓGICA

Os três casos revelam uma mesma lógica. O adversário pode tentar reduzir a capacidade de combate não apenas por meio da destruição de plataformas, mas também atacando os elementos que viabilizam o seu emprego: infraestrutura, logística, energia, comunicações e inteligência. A guerra desenvolve-se, assim, contra um sistema integrado. O objetivo nem sempre é destruir um recurso; pode bastar impedir o seu funcionamento contínuo, forçar o desvio de meios ou gerar uma incerteza que limite a liberdade de ação.

Para a Argentina (e também para o Brasil), essas experiências levantam questões relevantes para o planejamento de defesa. A incorporação de sistemas de armas modernos deve ser acompanhada por uma avaliação realista de seus custos de operação, manutenção, disponibilidade de peças de reposição, munições, formação de pessoal, infraestrutura e sustentação logística. Exige também considerar a proteção de bases, aeródromos, portos, depósitos, redes energéticas e de comunicações, tudo acompanhado da existência de alternativas e capacidades de recuperação.

A cooperação internacional é indispensável para numerosos sistemas contemporâneos. Contudo, depender de fornecedores externos não pode significar ignorar as consequências de uma interrupção no abastecimento, de uma restrição política ou da falta de acesso a informações críticas. A autonomia estratégica não pressupõe fabricar nacionalmente cada componente, nem prescindir de aliados. Significa conhecer as dependências, reduzir vulnerabilidades críticas e preservar a capacidade de decisão e operação diante de contingências.

A lição da Ucrânia não consiste em transpor mecanicamente sua experiência para a nossa realidade, mas sim em compreender que o poder militar é uma capacidade sustentada, e não uma mera soma de aquisições. O valor de uma aeronave depende também de suas peças de reposição, de seu armamento, de seus técnicos, de suas bases e das informações que ela recebe. O mesmo se aplica a qualquer outro sistema de armas.

Em uma guerra prolongada, o verdadeiro poder militar não reside no sistema de armas que se possui, mas sim naquele que pode ser mantido disponível, abastecido e em condições de combate. Comprar uma plataforma não equivale a adquirir uma capacidade estratégica. Sem manutenção, reservas, munições, pessoal especializado, infraestrutura e uma indústria capaz de sustentá-la, tem-se equipamento, mas não, necessariamente, poder militar.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é Coronel Mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
